



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**ANA MARIA GOMES SOARES**

**(depoimento)**

**2012**

## FICHA TÉCNICA

### ENTREVISTA CEDIDA PARA PUBLICAÇÃO NO REPOSITÓRIO DIGITAL DO CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE

**Entrevistada:** Ana Maria Gomes Soares

**Entrevistador:** Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

**Local da entrevista:** Residência da atleta em São Paulo

**Data da entrevista:** 06/10/2013

**Processamento da Entrevista:** Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Páginas Digitadas:** 19 páginas

**Número da entrevista:** E-488

**Data da autorização para publicação no Repositório:** 05/10/2014

#### **Informações complementares:**

#### **Observações:**

Entrevista realizada para a produção da Dissertação de Mestrado de Vera Lúcia Ferreira Pinto Fernandes intitulada *Mulheres de ouro: Trajetória e representações de atletas de lutas* apresentada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Federal de Juiz de Fora em fevereiro de 2012.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **SUMÁRIO**

Trajetória no esporte e inserção no MMA; Reação da família; Como se tornou uma atleta de rendimento; Ganhos materiais no esporte; Dificuldades enfrentadas na prática esportiva e fora dela; Gravidez; Convivência junto a lutadores; Relação do público com o MMA feminino; Relação com mídia; Dificuldades enfrentadas por atletas no Brasil; Sonhos e projetos para o futuro; Fonte de renda; Diferenças percebidas entre o MMA feminino e masculino; Rotina de treinamento; Feminilidade e práticas de lutas; Como se relaciona com o seu corpo; Mudanças no corpo atribuídas à prática do esporte.

V: Bom, hoje me encontro com a atleta de MMA Ana Maria Índia, que representa a Team Nogueira. Brigada por me receber mais uma vez. Ana Maria, descreva como aconteceu a sua inserção no MMA.

AM: Eu sou oriunda do jiu jitsu. Eu comecei a treinar jiu jitsu em Marília, São Paulo, eu fazia biomedicina na época e só treinava de quimono e... eu fui a primeira mulher vestida de quimono, não tinha muita mulher lutando na época, então as lutas eram casadas. Então, eu lutava Jiu Jitsu... e eu fiquei grávida nesse meio do caminho e tive que ir embora de São Paulo, eu voltei pra Bahia, eu fiz vestibular em Salvador e passei, e continuei a treinar Jiu Jitsu numa academia de competição lá, eu continuei treinando de quimono. Assim, eu lembro do meu primeiro campeonato, eu era faixa branca e a outra mulher era faixa azul, aí eu lembro que o ginásio todo parou assim pra ver. E aí eu disse: “Ai Deus! Deixa eu sentir isso pra sempre”. E ali eu descobri que eu era competidora. E... eu sempre fui muito técnica e aí me convidaram pra acompanhar uns atletas porque ia ter um evento de MMA em Vitória da Conquista, Bahia, e eu fiquei encantada com o treinamento deles, com tudo que tinha que fazer pra lutar o MMA e falei “Que maneiro! Eu vou fazer esse negócio também”. Aí eu pensei o que eu tinha que fazer pra fazer aquilo. Aí eu fui pra Salvador procurar treino de boxe, treinar sem quimono, procurei uma escola de wrestling, aí eu comecei a... a conhecer as outras técnicas, as outras artes marciais além do Jiu Jitsu. E aí eu comecei a treinar e fiz a minha primeira luta amadora contra uma menina que tinha 100 quilos e lembro que eu achei muito maneiro, assim eu tinha uns sessenta e ganhei uma medalha daquelas de cinquenta centavos. “Poh... foi a porrada mais barata da minha vida”. Aí... depois marcou uma luta num Minotauro Fight que ia ter lá em Salvador, mas aí eu vim pro Rio pra treinar e arrancou um dedo meu numa Copa do Brasil de Jiu Jitsu porque eu queria lutar Jiu Jitsu, eu queria lutar tudo, era meio maluca, assim. Aí eu não pude lutar nem o MMA e nem ganhei o campeonato de Jiu Jitsu.

V: Descreva, então, a sua trajetória esportiva desde a sua inserção na modalidade até o momento atual.

AM: Eu não sei não, tipo assim, porque eu tô no MMA tem 13 anos. Sou uma das pioneiras no MMA assim do Brasil. Eu comecei no MMA amador, aí teve o Prime, eu

ganhei... Eu não sei bem, eu tenho dez lutas de MMA, vão surgindo os eventos... Eu sou campeã do Minotauro Figh III, sou campeã do Circuito Team Nogueira, sou campeã do Prime, campeã do Super Figh, campeã do MFigth, campeã do Tauros Combat. Tô indo aí...

V: E que potencialidades você viu, o que te instiga no MMA?

AM: O jogo, o jogo. A luta pra mim é que nem jogar. É igual a quem joga baralho, é igualzinho. E... o movimento corporal da luta que me deixa louca, maluca. Eu gosto do movimento corporal como se fosse uma dança. A luta pra mim é um jogo e uma dança misturados. Tipo... é igual a assistir uma dança de salão, as passadas, o jogo das pernas. O jogo da luta é muito inteligente e me deixa maluca porque é infinito, não acaba nunca, as combinações são infinitas. E você não basta só saber, você tem que automatizar o seu corpo pra aquilo. E é sempre você jogando contra o game de outra pessoa que está com os mesmos planos de anular o seu jogo também. É estilo um videogame, então eu faço parte de um videogame, então, eu gosto. Eu acho divertido, eu gosto de brincar, é muito legal. Por isso que eu luto, porque é legal, porque o dia que não for mais legal eu não luto mais. O dia em que a pressão de lutar for maior que o meu prazer de estar ali eu não luto mais. Olha eu sinto prazer em tudo, eu gosto de tudo, eu gosto da paisagem, gosto de tirar peso, gosto de lutar, tudo pra mim é a maior festa. O povo deve pensar assim que essa mulher é a maior maluca porque eu chego rindo do começo ao fim. Eu tô sempre feliz, sempre tô amarradona, minhas fotos na paisagem eu tô rindo. Eu falo: “Pô! Eu tenho a possibilidade de fazer o que eu gosto, tenho a chance de fazer o que eu amo em minha vida”. Eu sou abençoada, entendeu? Eu sou abençoada. E tem uma outra menina do outro lado que também gosta, então, “Pô, que maneiro”, entendeu? Tipo, eu não viajo, eu não tenho raiva dela, eu quero lutar com ela.

V: E como a sua família reagiu a sua escolha?

AM: Não gosta não... Bom, sinto que a minha família tem orgulho de mim pela pessoa que eu sou, que ao mesmo tempo em que eu sou impactante pra eles pelo meu jeito diferente porque eu nunca fui igual desde criança. Eu não igual as minhas amigas da escola, eu não sou igual as minhas amigas da adolescência... A frase que eu sempre

escutava é “quer ser diferente, só que as coisas que os outros não quer”, isso desde que eu sou pequena, então, eu já vi que eu não era uma pessoa comum. Eu era a líder da sala, a líder da escola, a líder do grêmio, as apresentações da escola tudo quem fazia era eu, eu ia pra secretaria dez vezes por dia porque eu defendia todos os meus amigos. Se a professora brigasse com você eu ia lá e “por que você tá brigando com ela?”, se eu via alguém batendo em alguém na escola eu ia lá e já entrava no meio. Então, eu tenho esse senso de justiça muito forte e minha personalidade sempre foi diferenciada de todas as minhas amigas. Eu era uma coisa... Eu sei que todo mundo é diferente um do outro, mas eu era muito destoado, muito acima, a minha linha de raciocínio não tem nada a ver assim com a de ninguém assim. E a minha família penso que eu era impacto pra eles, ainda mais essa coisa de... eu largar a faculdade pra fazer lutas. Na época nenhuma mulher lutava, eles diziam que era doida. Jiu Jitsu era marginalizado. Jiu Jitsu era... “que é isso?”. Fazer Jiu Jitsu era coisa de marginal. Minha mãe não gostou que eu larguei a faculdade de biomedicina pra ser lutadora. Meu pai também não. Eles têm laboratório de análises clínicas, mas em nenhum momento eles... Eles não gostam do que eu faço, eles não entendem porque eu faço, mas em nenhum momento eles deixaram de apoiar por isso. E assim o que eu sinto deles hoje em dia é o orgulho... pela perseverança, entendeu? Tipo assim, ao mesmo tempo que o que causa medo neles é a minha personalidade, assim, meu jeito mais tosco de tipo assim de não desistir nunca, de estar passando perrengue no hospital. Teve uma vez que eu fiquei dois meses no hospital sozinha sem ninguém da minha família do meu lado e eles lá desesperados “para com isso” não sei o que. Depois eu ouvi da minha irmã “você vai ficar aleijada pra sempre” e eu falava “não vou”. E toda semana eu falava assim “essa semana eu tiro a muleta” e toda hora que eu tirava a muleta eu tinha que abrir o meu joelho de novo. Foram três cirurgias em dezessete semanas. Sempre que eu pisava no chão eu tinha que abrir o meu joelho de novo, eu falava “vamos lá, vamos ver quem ganha então, vamos simhora”. É complicado, tem aquela coisa com a minha filha e todo mundo mora junto menos eu. Eles não gostam, mas eles respeitam, entendeu? Então, tipo assim, ninguém interfere na minha vida, só me ajuda, me apoia, cuida da minha filha, ficam lá rezando, gastam as rezas tudo pra eu não me machucar e... vida que segue. Eu não vou deixar de lutar porque eles não gostam, eles não podem fazer nada em relação a isso, entendeu? E é isso.

V: Você, então, é a única atleta da família?

AM: Sim, eu sou a única maluca (rsrs).

V: Me diga como que você percebeu que se tornava uma atleta de rendimento?

AM: Eu nunca fiz por fazer, eu sempre competi. Quando criança eu já brincava de quem bate mais forte, vamos ver quem derruba. Eu fazia um círculo na areia assim, eu nem era atleta, nem sabia o que era esporte e nem nada, morava lá no interior da Bahia, aí a gente ia pra roça pra casa de algum amigo do meu pai aí eu pegava e fazia um círculo assim na areia e chamava todos os meninos, vamos ver quem empurra, vamos ver quem derruba, eu brincava de guerra, eu era a Sheena a rainha da selva, eu fazia um tchaco com o cabo de vassoura, eu fazia bomba de goiaba podre com fósforo que era a bomba de fogo, eu fazia escudo com tampa de isopor, com caixa de papelão. Eu já era a rainha, já era a Sheena, já era “pá”. Eu gostava de brincar de briga, eu gostava muito de derrubar, de tapa, de soco, de vamos ver quem bate mais forte, de queda de braço. Então você imagina todas as minhas amigas nenhuma queria brincar comigo porque não era a vibe delas, né. E os meninos não queriam muito também porque apanhavam e não queriam apanhar de mulher aí era uma confusão. Então eu sempre sofri muito com isso. Então quando eu conheci, quando eu cheguei no Jiu Jitsu lá todo mundo tinha que fazer a mesma coisa que eu, entendeu? Não era uma opção. Tipo assim, não tem “não vou treinar com a menina”, tem que treinar. Tava todo mundo no tatame. Eu sempre escutei “no tatame não tem sexo. Aqui não tem homem não tem mulher”. E os caras não usam o pênis pra lutar. Usam os braços, as pernas e o corpo, entendeu? Então o pênis não faz parte do jogo. Vamos ver qual é o jogo? Eu sou uma atleta muito inteligente, então eu nunca quis trocar força com os caras, eu ficava vendo qual era o caminho que eu podia fazer pra chegar onde eles estavam, entendeu? Então eu sempre quis ser treino pros caras, eu sempre quis. Eu sempre fui a única mulher no tatame, na primeira academia eram 50 homens e eu, aqui eram setenta homens e eu, agora que chegou a Duda, e nunca tive problema. Eu sempre treinei com os caras e sempre fui treino pros caras e tipo assim uma coisa que eu tenho muito orgulho é dizer assim “Ana, posso treinar com você um final de semana pra me corrigir?”. Eu gosto dessas coisas, então eles me dão crédito, porque é uma profissão que é masculina e eu consigo ser treino pra eles mesmo sendo uma mulher, entendeu? Não é qualquer uma que consegue, eu sou muito técnica. Então, se eu consigo potencializar tanto a minha força imagina eles fazendo o que eu sei

fazer. Eles já não me olham da mesma forma. Eu sou uma mulher de sessenta e cinco quilos que segura no colo um cara de cento e cinquenta. Então, por quê? Porque a mecânica do meu movimento é muito boa.

V: Fale sobre o que o MMA, as lutas trouxe para você materialmente e em outros aspectos da sua vida.

AM: Material? Nenhum. Minha mãe fala que medalha não mata a fome. Eu não tenho dinheiro, eu não tenho nada. O que a luta me trouxe... Eu acho que tudo é uma coisa só, entendeu. Eu sou a luta. Eu não mantenho uma distância assim. Eu luto porque eu sou essa pessoa aqui, se fosse outra pessoa eu não ia lutar, você entendeu. Eu e a luta a gente é um pacote completo. Tipo assim, eu não consigo me afastar. As minhas reações corporais, a minha forma de pensar, de me expressar tudo tem a ver com a minha luta. Eu sou direta, eu sou tosca, tudo tem a ver com a minha luta, tudo, tudo. O respeito que eu tenho pelo espaço do outro, é o que eu preciso pra poder trabalhar, eu preciso do outro pra poder treinar, então, a luta ela reflete no meu dia a dia o dia inteiro, vinte e quatro horas. Eu não sou uma pessoa nada invasiva, sabe. Tipo, eu sou uma pessoa agressiva, eu não sou tolerante, eu não sou tolerante. Sabe aquela frase “tolerância zero”, eu. Ah, alguns colegas falam sobre um ponto de equilíbrio, eu não sou uma pessoa equilibrada. Muito pelo contrário, eu sou completamente desequilibrada. Tipo, eu não tenho meio termo, eu sou extremista com altos e baixos o tempo inteiro, sou explosiva. Se eu fosse equilibrada eu ia ser budista eu não ia ser atleta, eu ia ser outra parada, tá entendendo. Eu sou explosiva, eu preciso de emoção. Mas eu preciso controlar a minha emoção, é diferente, entendeu. Eu faço as coisas movida pelo o que eu tô sentindo, mas eu não posso deixar o meu sentimento mover as coisas que eu tô fazendo, tá entendendo que é uma coisa diferente da outra? Então, tipo assim, a luta ela me traz, ela me traz ser feliz, porque eu acho que deve ser horrível você dormir e acordar e ir fazer uma coisa por fazer. Então eu abri mão de ter dinheiro, porque eu sei que eu vou ter dinheiro com o que eu escolhi pra viver porque eu posso. Então, tipo assim, eu podia ter tido um milhão de outros caminhos, já me pediram em casamento três vezes. Sabe aquelas coisas assim, eu poderia ser casada, ser dona de casa, cuidar da minha filha, trabalhar e treinar Jiu Jitsu três vezes por semana, isso é uma vida maneira. Eu poderia também ser dona de laboratório lá no interior da Bahia, tirando uma de



patricinha só andando de carrão, morando em casona, cheia de laboratório, pah, e tirando onda treinando três vezes por semana e falando que sou uma lutadora e tal, e ter uma academia de Jiu Jitsu, ia ser maneiro, não ia? É, mas não é o que eu quero. Pra ter o que eu quero eu preciso dormir no tatame, passar por cirurgia sozinha, me rastejar no chão, ter que andar quarenta e cinco minutos pra chegar na academia porque eu não tenho dinheiro para comer, tenho que às vezes comer bolacha porque eu não tenho dinheiro pra almoçar, entendeu. Então, tipo assim, cada coisa que você quer em sua vida tem um preço diferente, ou você paga ou você não paga. Então, o preço do que eu quero é esse, eu pago. Cabe dentro do orçamento. Existem coisas que talvez pra algumas meninas sejam mais baratas. Assim, tipo, eu escuto muito, eu ouço muito assim, eu escutei esses dias “nossa Ana, mas o Meier não é longe”, não é longe pra vocês que tem carro, pra mim que pego dois ônibus é longe, eu levo três horas pra chegar aqui no Meier, entendeu. “Ah, você não tem carro porque você não quer”. Não, porque eu não tenho dinheiro, é diferente. “Olha, mas você sabe que a hora que você quiser ter um carro você poderia ter”. Eu falo “eu sei, eu sou inteligente, eu podia trocar de emprego, voltar pra minha cidade e tal não sei o quê”, mas o que elas querem dizer é que qualquer homem poderia me bancar, entendeu. Eu digo “olha, eu posso te falar uma coisa: eu não quis nada da minha mãe e do meu pai e eu nunca vou querer nada de homem na minha vida, entendeu, nunca”. Às vezes tem menina que ela acha mais fácil, por exemplo, eu já recebi proposta de ter uma cobertura na Barra, porque não sei o quê, porque tudo poderia ser mais fácil. Mas esse fácil pra mim é difícil, eu não tenho a capacidade de pagar esse preço, entendeu. Isso pra mim é caro. Agora, dormir no chão, dormir no tatame, lavar tatame, ficar sem comer pra pagar meu campeonato, esse preço pra mim é bom, entendeu. Esse preço eu pago, o outro eu não pago e vou chegar no mesmo lugar. Eu vou ter as minhas coisas, vou ter meu apartamento, vou ter meu carro, vou ser a melhor do mundo, vou ser tudo, com as minhas coisas, dando as minhas voltinhas, não tem problema. Vai ser do jeito que eu quero, como eu quero, sem dever nada pra ninguém.

V: E dificuldades, você comentou sobre algumas enfrentadas como o período das cirurgias, as financeiras... E hoje, enfrenta dificuldades para seguir como atleta?

AM: Pra caceta, o tempo todo. A dificuldade faz parte do meu dia, do dia a dia da gente. Tipo, dificuldade é uma coisa normal. Se não for difícil... Eu não conheço, entendeu, nada que eu queira em minha vida que não seja difícil. Se eu quiser fazer minha unha é difícil porque eu tenho que ir pro salão e ficar com a minha bunda lá sentada que é um saco uma hora, uma hora e meia, se a mulher não for maluca ainda e levar duas horas, é chato. Se eu quero minha perna lisinha eu tenho que sentar ali e me depilar. Tudo é difícil. Então, se você quer ficar com a sobrancelha bonita você tem que fazer e dói, é chato, mas o resultado é sempre o que importa. Então, tipo assim a dificuldade é uma coisa normal, eu não penso em nada na minha vida assim... Tipo o dia a dia da gente eu moro num apartamento com oito homens, então eu tenho que me trancar dentro do meu quarto, eu treinei até cinco meses de gravidez, a minha filha nasceu, ela tava com um mês eu tava treinando, ela tava com quatro eu já tava competindo, ela tava com sete meses e eu já não morava perto dela. Eu sou uma mulher que vive completamente isolada de mulher na vida, eu não tenho a possibilidade de ter amizade feminina, tipo que as amigas de amigos meus... as mulheres dos meus amigos não podem ser minhas amigas porque elas só querem chegar perto de mim pra saber o que que tem na vida deles. Muita mulher que encosta em mim não por causa de mim é porque quer chegar perto dos caras, porque eu sou uma porta de entrada pra academia, pros caras. Então eu, eu sou difícil de confiar, eu sou difícil. Eu sempre sofri muito com mulher em muita coisa na minha infância, então apesar de não ser lésbica e não ter nada contra lésbicas o meu universo é completamente masculino. Eu vivo no meio de homens a minha vida inteira, sempre, sempre, desde a adolescência, desde novinha. Eu sempre achei homem muito divertido, sempre achei que homem fala mais besteira, onde tem um monte de homem junto tá falando merda. Então isso alivia as minhas dificuldades. Talvez se eu tivesse no meio de um monte de mulher eu sentisse mais dor porque mulher sofre mais com a saudade, com não sei o quê... Por exemplo, a maioria dos caras vivem longe dos filhos, normal pra eles, mas seria difícil pra um monte de mulher viver longe dos filhos. Eu tava conversando com uma amiga minha aqui agora, faixa preta, que largou tudo porque teve neném e tal. Ela “é agora eu tô trabalhando, tô cuidando da minha filha”. O normal seria isso. Quando eu fiquei grávida era isso “agora acabou esse negócio de luta, que agora você vai ser mãe”. O que tem a ver uma coisa com a outra? A garota vai nascer e eu tô morrendo por acaso, entendeu? Então a cabeça de mulher talvez me traria mais sofrimento, então eu acho que Deus me preparou pro que eu ia me tornar, pro que

eu ia viver, eu viajo muito sozinha, eu não tenho ninguém do meu lado. Tem isso também a minha solidão é muito maior do que a de todo mundo porque todo mundo está sempre junto, os meninos estão juntos o tempo inteiro, mas eu não fico assim muito tempo com eles pra evitar... pra preservar a privacidade deles e também a minha. Porque como a gente mora junto, trabalha junto, fica o dia inteiro junto e eu sou mulher, então eu tenho que ver o lado deles também. Tipo assim, quando a gente morava na academia eu não ia no quarto dos meninos, eu tava sempre trancada no meu quarto. Aqui no apartamento é mais tranquilo porque tem uma área comum, ali a sala, a gente vê televisão e troca uma ideia, mas na academia não, se eu quisesse conversar eu tinha que ir pro quarto deles, aí eu tinha que ficar num quarto com quatorze homens tirando a privacidade dos caras, que eles querem falar putaria, querem falar besteira, quer falar não sei o quê e a minha presença talvez incomodasse um pouco, entendeu? Não dos meninos que convivem comigo no dia a dia, mas sempre tem gente nova, então, eu estaria sempre tirando a privacidade de alguém. Então a dificuldade é diária, eu já dormi seis anos num tatame, em todas as minhas cirurgias eu estive sozinha, já viajei pra ficar fora do Brasil com duzentos e oitenta dólares e sem falar uma palavra em inglês. Então as coisas vão acontecendo, eu já lavei carro no Rio de Janeiro pra lutar, eu já... entendeu? Tipo assim, nunca tem ninguém do teu lado te apoiando, não existe isso, entendeu? Eu já trabalhei de segurança no Rio de Janeiro em festa de playboy... E eu sou uma mulher bonita. Então, as pessoas me veem na televisão e não têm ideia do que acontece por fora.

V: E diante destas dificuldades, o que te motiva a continuar?

AM: Lutar. É o prazer de lutar. Domingo à noite eu fico agoniada pra chegar logo amanhã. Porque tipo domingo de tarde, entendeu, já é meio dia e vai chegando a noite vai dando um desespero tipo colapso nervoso “segunda não chega, segunda não chega, segunda não chega”. É amor, eu faço o que eu amo. Eu sou motivada pelo amor. Eu não consigo imaginar assim é... é muito ruim, é muito ruim. Eu machucada três anos... nem com lesão eu deixo de treinar porque o que me motiva é voltar. Tipo assim, minha mãe falava “minha filha, como é que uma pessoa... você não pensa que você tipo assim, para com isso”, na primeira cirurgia ela falava isso que eu tava dizendo. E eu só penso em ficar boa, não penso em machucar, pra voltar a treinar de novo, entendeu? Eu, tipo

assim, “você não tem medo de machucar?” Meu medo de machucar não é porque eu vou machucar, é porque eu não vou treinar amanhã, entendeu? A viagem de machucar é essa, não é porque eu vou ficar feia ou porque meu rosto vai machucar ou porque minha mão não tá bonita, não é isso. É que se eu me machucar amanhã eu não treino, e se eu não treinar amanhã depois de amanhã eu não luto, entendeu. O meu raciocínio é só esse, não tem outra coisa. Então, é sempre o que vai vir depois. Ah, mãe, o que você falou ontem, ih, ontem faz muito tempo, eu nem lembro o que aconteceu ontem. Ontem você apaga e amanhã, amanhã não existe, o amanhã é hoje, porque o amanhã só existe por causa de hoje, você entende? Pessoas que projetam coisas, “ah, porque no futuro...” O futuro não existe, o futuro é agora, é hoje, é aqui, é o que tá acontecendo agora. Então, o amanhã não existe, o amanhã é agora. Tudo o que você fizer pra amanhã é hoje. Não projete nada na sua vida, ah, que não sei o quê... Eu quero ser campeã do UFC. Eu vou ser campeã do UFC, o cinturão vai ser meu. Mas o amanhã não existe, entendeu? Eu só vou ser campeã do UFC hoje, com a vida do dia a dia hoje, treinando hoje, lutando com quem eu tenho que lutar hoje e as coisas vão acontecendo. O amanhã vai chegando com o hoje, você entende o que eu quero dizer? O amanhã é construído agora e ontem faz muito tempo, você não pode mudar, não interessa o que aconteceu ontem. Interessa de noite você falar “putz, errei nisso, naquilo. Não vou fazer mais”. Acabou, entendeu, borracha, acabou, não interessa mais. Não tem o que pensar amanhã, acabou. Não vou ficar me remoendo por alguma coisa ou deixar sentimentos ficar me consumindo dentro de mim. Pra quê? Vou voltar? Vou apagar? Vou mudar? Não vou brother, eu vou mudar hoje. A minha atitude de hoje muda o meu amanhã. E minha atitude de ontem...

V: E como você vê a relação do público com você como atleta e com o MMA feminino como um todo.

AM: Ah, a relação com o público é muito legal, é muito maneiro. Tipo, eu acho que como o perfil das lutadoras está mudando como a Ronda, a Duda, eu, então, como o perfil das meninas está mudando, tá mostrando beleza, feminilidade, sensualidade das meninas, isso está abrangendo um número maior de pessoas. Antes era muito levantada a bandeira do homossexualismo na luta das meninas e as meninas faziam questão de ser machona, de ser masculina assim, é... isso afastava muito as pessoas porque era mais uma luta de homem, não era luta de mulher. E aí nenhuma menina queria treinar pra não

ficar daquele jeito, se elas treinassem elas iam ficar assim e era a opção que elas tinham, entendeu. Agora não, a menina vê que ela for treinar ela vai ficar é gostosa (rsrs). Mas a questão não é essa, é que o perfil tá mudando, entendeu. Quando comecei a lutar eu não tinha um ponto de referência, eu não tinha pra quem olhar. Eu queria é lutar e acabou, vamos simhora. Eu nem sabia quem ia tá do outro lado, eu nem sabia se ia ter, por isso que eu lutava em toda categoria, eu lutava na categoria de cem quilos, de cinquenta e sete e ia simhora. Não tinha muita... Era o que tem pra hoje, eu queria lutar não importava com quem, entendeu.

V: E a mídia, como é a relação da mídia com vocês atletas do MMA feminino, com o MMA feminino?

AM: É porque eu não tenho do que reclamar, tipo assim, eu sou cagada. Eu não sei porque o povo me acha, me acha mesmo. Por falar nisso vai assistir o Amor e Sexo dessa quinta-feira que eu gravei. É... eu já fiquei sete vezes sem telefone. Eu não sei como que são eles com as outras pessoas, mas comigo... E eu assim, tipo eu tento agregar, quando me chamam eu ainda boto as meninas, encaixo, quando era no Pânico eu botava, quando era não sei o quê eu botava. Porque aí eu penso “pô, dá pra levar mais gente”. Mas eu... o povo me adora (rsrs). É, não, parece que eu sou sócia do Combate. Eu fiquei três anos sem lutar e não saí da mídia uma vez. E não sou eu que corro atrás não, eu não tenho assessoria, não tenho nada. Eles que ligam “Ana, tem como você vir aqui? Ana, vem na Fátima” e eu “ai, a Fátima me conhece, que demais” (rsrs). Que eu sou tipo maluca, eu só treino e luto, não tô nem aí, eu não saio de noite, não tenho nada dessas coisas, entendeu. Então, o pessoal me acha, “maneiro, vamos simhora”.

V: O que você acha que ainda precisa ser feito no Brasil para fazer crescer o MMA feminino?

AM: Na realidade não é nem o MMA feminino, eu acho que o Brasil precisa investir no esporte em geral e não no MMA feminino. O Brasil precisa acreditar no esporte, porque ele quer medalha, quer campeão, mas não quer investir na construção do atleta. E aí não é uma coisa que está acontecendo aqui, é uma coisa geral. O Diego Hipólito ele é nosso

representante olímpico e campeão do mundo e não tinha patrocínio, entendeu. Tipo, eu tenho amigos do boxe, minhas amigas que é pentacampeã sulamericana, não sei quantas vezes campeã brasileira, entendeu. Eu sou bicampeã brasileira de Jiu Jitsu, campeã de copa do mundo e... eu conheço um monte de gente assim, que não tem dinheiro pra nada. Nossos representantes olímpicos na época das olimpíadas dormiam no chão, num colchão fininho e tal e todo mundo depois medalhista, entendeu. Então, o que precisa é investir no esporte, não no feminino, no esporte em geral, entendeu.

V: Eu te perguntaria sobre algum sonho a ser realizado e você me relatou alguns...

AM: Ah, meu sonho na realidade é ser a melhor do mundo. Por que ser a melhor do mundo? Porque sendo a melhor do mundo eu vou conseguir fazer as outras coisas que eu quero, esse é o gancho, entendeu. E sendo a melhor do mundo eu vou poder lançar a minha marca no mercado, eu vou ter visibilidade no mundo inteiro, eu vou ter o meu nome projetado aonde eu vou lançar as minhas academias. Todo o meu projeto de futuro empresarial vem com eu sendo a melhor do mundo. Não é ser a melhor do mundo por vaidade, é toda uma parte comercial que eu tenho na minha cabeça, entendeu. Eu sou uma pessoa talentosa, eu tenho muita habilidade no que eu faço, eu sou uma atleta inteligente. Desde a faixa branca eu tenho consciência que eu posso ter as minhas barbies da indiazinha, eu tenho a marca da índia, então eu posso lançar uma linha de quimonos, eu posso conseguir... eu posso ter as minhas academias. Eu tenho todo um projeto empresarial na minha cabeça aonde pra eu chegar nisso eu tenho que passar por essa fase primeiro que é a fase que eu tô me divertindo, que é sendo atleta, lutando. Na minha diversão eu quero chegar ao cinturão. Chegando ao cinturão eu posso trocar de fase, trocando de fase é onde eu vou colher todos os frutos do que eu plantei a minha vida toda. É tudo muito comercial na minha cabeça. Eu sou muito... Eu tenho tudo planejado na minha cabeça. Mas o objetivo disso tudo é ter conforto e qualidade de vida com o que eu escolhi pra viver e podendo oferecer uma boa vida pra minha filha. Ela poder viajar pra onde ela quiser, poder fazer o que ela quiser. Que ela possa ver o mundo sem precisar ter tanto perrengue como eu tive, entendeu. Tipo assim, eu não quero que ela passe, que ela tenha as mesmas necessidades que eu tive quando eu viajando, entendeu. Eu quero que ela tenha um pouco mais de segurança pra poder viajar, porque poder viajar é muito maneiro. A coisa mais massa da vida é poder viajar e

conhecer gente que é o que você leva porque está dentro de você. Coisa material não é sua. Minha filha não é minha, entendeu, é do mundo. O seu carro não é seu, é só um meio de transporte, não é nada. Então, o massa é você viajar, ver coisas, ver cores, conhecer sabores, ver pessoas, ouvir música, isso é maneiro, isso te constrói, isso é legal.

V: E alguma frustração, decepção que você tenha vivido ao longo de sua carreira.

AM: Ah não... Eu me decepiono com pessoas o tempo inteiro assim, né, porque na realidade você vai crescendo e você não pode criar expectativa acima do outro. Você tem que fazer a sua parte e pronto, acabou, porque as pessoas mais felizes vão te decepcionar, as pessoas próximas vão te decepcionar, porque você não pode esperar do outro uma atitude que talvez você teria com ele, entendeu. Por exemplo, quando eu operei eu fiquei no hospital dois meses e ninguém me telefonou pra saber se eu estava viva, eu podia ter morrido, eu entrei quase em coma, entendeu. Pessoas que conviviam comigo que acordavam comigo todos os dias nunca me deu um telefonema. E as pessoas que eu mais ajudava que, tipo assim, se tivesse uma dor de barriga eu corria o Rio de Janeiro todinho pra poder comprar um remédio, entendeu, com a luz apagada, de madrugada. Aí eu aprendi que a gente tem que fazer por fazer, que não pode nunca esperar nada. E quando eu tô passando por dificuldade eu nunca peço assim... Eu só penso “Deus, vamos simhora”, entendeu. Então, o que me decepiona na vida são as pessoas, a atitude das pessoas.

V: Hoje você vive do MMA?

AM: Não. Como eu te falei eu não tenho renda fixa, mas também eu não preciso de muito pra viver. Ah, tipo este apartamento que eu resido com outros meninos é mantido pela Team Nogueira. Ela mantém os atletas com moradia. Minhas roupas são todas de uma marca de roupas que eu faço propaganda, entendeu. Meu celular é de cartão. E... eu não saio a noite, não vou pra balada. Assim, minha diversão é ir na praia que fica por aí cinquenta metros daqui e é de graça (rsrs) e o que eu recebo das competições, que também não é muito, eu uso pra ir lá na Bahia ver minha filha, ver minha família. É isso, porque eu não preciso de muito não.

V: Então, você reconhece alguma diferença entre o MMA masculino e o MMA feminino?

AM: Não, a diferença no MMA é uma coisa natural do esporte. Tipo, a evolução do esporte é em tempos diferentes. Tipo, o boxe agora, só foi ter o boxe olímpico nas olimpíadas feminino só agora, entendeu. Mas é porque a procura é de acordo com a demanda, às vezes não tinha tantas meninas lutando, tipo, com uma qualidade técnica tão boa ou então não dava pra fazer uma card, é mais isso porque em relação à luta o feminino é igual, é tudo igual. Tem luta do feminino que é até muito mais agressivo do que do masculino porque tem muita menina, muita mulher maluca, quer arrancar uma a cabeça da outra, tá louca. Homem é mais cauteloso, mulher é um, dois, vai (rsrs).

V: E como é sua rotina de treinos durante a semana?

AM: Eu treino de segunda a sábado. É... eu acordo, amanhã eu acordo seis horas da manhã e vou nadar, aí eu volto pra casa e durmo. Aí meio dia e meio eu vou treinar, aí eu treino até três horas da tarde, volto pra casa, como e durmo, aí de noite eu volto a treinar de novo, aí dá umas... seis horas de treino diário de segunda a sábado. E os treinos são divididos assim em treino de Jiu Jitsu, de Muay Thai, treino de boxe, de sparring, de preparação física, natação, musculação e ainda faço uma yoga com alongamento pra dá aí um upgrade.

V: E nos dias que antecedem uma luta, existe alguma diferença no treinamento?

AM: Tem, tem. Tipo, no período em que não tem luta marcada os treinos são longos são os treinos de duas horas, duas horas e meia. Quando a luta tá marcada vai enxugando esses treinos, vai colocando mais específico, vai aumentando o seu card e fazendo mais específico do tipo assim, eu vou lutar três rounds, aí eu começo a treinar quatro, cinco rounds. Tipo assim, faz os treinos separados, mas faz muito treino mais específico, direcionados, tipo escola de combate que a gente fala e os sparring, aí começa a fazer mais manobra no chão como se tivesse batendo na casa do cara, na lateral. Porque a luta ela é toda destrinchada, a gente treina tudo separadinho. Aquela parte da grade é um



treino, a parte que está no meio do Cage pra cair é outro treino, a parte que tá por baixo apanhando é uma coisa, se tá por cima e batendo é outra coisa, aí às vezes é muay thai com queda, às vezes é boxe com queda, às vezes você só pode chutar e bater e eu só posso derrubar, não posso bater, entendeu. Porque cada adversário é uma estratégia diferente, então a gente treina tudo. Tipo assim, às vezes num treino você pode chutar só com a perna da frente e bater com a mão de trás ou bater com a mão da frente e chutar com a perna de trás e aí eu só posso derrubar e você só pode defender, entendeu. Aí depois troca, tipo, você só pode chutar e eu só posso boxear, que aí você vai se acostumando com adversários diferentes, entendeu. Às vezes, tipo assim, você tá perdendo o round e eu tô ganhando, você tem que buscar a luta e eu tô te enrolando. Porque na hora da luta nada do que aconteça lá pode mexer com o meu psicológico. Tudo eu tenho que tá treinando pra aquilo. Às vezes você vai tá perdendo a luta, vai querer correr atrás e o seu adversário vai começar a fugir, e aí você tem que treinar isso aqui na academia, entendeu. Você começa a ficar com raiva você quer bater, o cara começa a correr e você fica puta, “vem cá desgraçado”, e aí na hora da luta você não pode deixar que a sua emoção, que é aquela outra história, bater, então você tem que tá condicionado e treinar na sua cabeça já. É isso.

V: Você acredita que as exigências corporais e técnicas do MMA, das lutas, elas interferem na sua feminilidade?

AM: Ah interfere. Eu sou tosca. Eu não sou nem um pouco sutil. Eu sou feminina, mas eu não sou delicada. Eu nunca fui delicada, entendeu, já é um traço da minha personalidade. Eu não sou leve, eu não sou uma mulher leve, eu sou uma mulher densa. E eu sou densa e o meio corrompe. Você vai ver um cara que vive no meio de um monte de bailarina mesmo sem ele ser gay ele tem os gestos mais sutis, mais leves, a forma de se mover. Poh, eu sou uma mulher que vive só no meio de homens. O jeito que eu sento, eu não posso sentar assim com a perna cruzada. Até porque, tipo, eu não posso ter esse tipo de comportamento porque eu tenho meio que me igualar com os meninos até pra eles não perceberem essa distância. Porque o homem tem aquela coisa “ah, a mulher sutil, feminina, que precisa de mais cuidado”. Então, pra eu poder ter um treino ali, pra eu ter uma postura dentro do tatame eu não posso ficar de nhem nhem nhem, senão não vai dar certo. Então, eu sou densa, entendeu. Interfere nos meus gestos, no

meu jeito, na minha forma de falar. Eu sou mais tosca, eu falo mais igual homem assim, eu não tenho paciência do tipo... eu não tenho nem paciência pra ficar ninguém ficar me arrodando com nada. A minha linha de raciocínio não é igual a de mulher. Eu converso com as meninas e elas ficam olhando assim pra minha cara tipo... aff. E eu converso com os caras e os caras “Ehhhh, dá aula Ana, faz palestra” (rsrs), mas é porque eu convivo só com os caras. Então eu sei um monte de coisas que mulher só imagina eu sei, entendeu. Tipo assim, coisa que mulher fantasia muito, que é a hora que os meninos mais gostam que é a hora que tá um monte de homem junto. Tipo, mulher tem muito ciúmes dos amigos. Então a hora que nunca vai ter mulher envolvida é quando os caras estão junto com os caras, porque só tão falando besteira. É a melhor hora é quando acaba o treino, quando acaba o futebol, quando termina essas coisas, entendeu. Que é a hora que a mulher tá puta em casa porque o cara não chega, entendeu. E ela tá lá amarradão “uhuuu, marquei de jantar com a minha mulher dez horas, já são onze e meia” (rsrs) e a mulher tá maluca em casa. Então eu tô com eles na hora que nenhuma namorada tá. Eles falam que eu sou um marmanjo sem pinto. Então, eu jogo videogame, eu tô no meio dos caras na hora do futebol, na hora da rezinha do treino e não sei o quê. Então, tipo assim, eu acabo vendo o outro lado da moeda. E eu sempre fui assim desde criança, eu sempre convivia com as minhas amigas de tarde e tal, e de noite eu tava sempre com os caras porque eu queria jogar videogame, queria jogar bola, eu queria... eu achava mais divertido, achava mais dinâmico, entendeu. Tudo que era de homem era mais legal pra mim, assim, mais divertido. Minha filha, eu não deixo, tipo, ninguém dar boneca pra minha filha quando ela era criança... ela é criança ainda, é que ela não gosta mais de boneca. Mas, assim, quando ela era menorzinha, esse negócio de dar boneca, de trocar fralda, de chupeta, de mamadeira, eu digo “não, não dê isso a ela não, tá maluca, não dê não”. Eu nunca gostei de ganhar essas coisas porque brinquedo de mulher é sempre estático, é aquela coisa chata, entendeu. Brinquedo de homem é massa, é bola, é moto, é avião, é só coisa de liberdade, de que voa, de que corre, de que não sei o quê. E brinquedo de mulher é asuhasuhashu, entendeu. É chato. Vai aprender a fazer essa porra de qualquer jeito um dia na vida quando parir, entendeu. Não precisa aprender essa merda agora quando nasceu. Tá doida, não, sai fora. Então, eu sempre fui assim. E eu acho que é um traço da minha personalidade que só veio se agravando, entendeu. O meu pai não teve filho homem, então, me carregava pra jogar sinuca com ele, então, eu tava sempre no meio de homem.

V: Pra você, então, o que é ser feminina?

AM: Não abrir mão de mim como mulher. Eu só treino gostosa, em nenhum momento eu quero ser um homem porque eu luto, minha vaidade não sai de mim nenhum segundo. Eu não preciso ser mulher como as outras. Eu sou eu, Ana Maria mulher, eu sei quem sou eu, entendeu. Então eu gosto me ver, eu gosto de me ver cheirosa, eu gosto de me ver bonita, eu gosto do meu cabelo arrumado, eu só vou pra academia arrumadinha pra lutar, “que isso, Ana veio pra treinar?” Eu luto arrumada. Às vezes o Minotouro olha pra mim e diz “não vai lutar não?”. Eu digo “Oxi, vou homem”, não é porque eu vou lutar que vou ficar feia agora. Então, as minhas coisas de menina... Eu acho que eu sou muito focada em cheiro e... em ser leve com as coisas, eu não atropelo o homem. Tipo assim, eu sou uma mulher que o meu tom de voz com homem é sempre baixo, eu nunca quero ser mais do que o cara, eu sei que sou mulher, entendeu. Mas também não nenhum cara me invadir, o fato de você ser homem não te dá nenhum direito sobre mim. Mas, as minhas coisas são tudo de menina, você pode olhar. Não tem... não muda nada. Assim, só que eu não sou fresca, é diferente, entendeu. Eu sou mais tranquila, assim tipo, é tudo mais comum, mais normal. Mas eu gosto de tudo em mim, eu sou apaixonada por sutiã, calcinha e biquíni, eu tenho as minhas manias, entendeu. Eu gosto muito de fazer a unha, eu gosto muito de ver a minha unha sempre arrumada também. Eu tenho as minhas sutilezas de menina, que eu não abro mão de mim como mulher. Eu gosto de ser uma mulher arrumada, cheirosa, eu gosto de estar gostosa que não sei o quê, mas isso tudo é pra mim, pra eu não perder o meu ponto de referência. E... eu não acho que mulher tem que ser fresca não.

V: Em relação a sua feminilidade como você percebe o olhar dos outros?

AM: Eu acho que os outros me têm bem assim, acham que eu sou um diferencial dentro do esporte. As pessoas conseguem enxergar isso de longe que eu tenho a essência de fêmea e sou densa. Então eu acho que isso traz a força. Então, eu fico parecida mais ou menos um desenho animado, eu consigo ver isso, sentir que eu tenho aquela coisa de ser, de parecer aquela amazonas mesmo, aqueles desenho. Tipo, eu acho que é uma coisa meio espiritual, eu acho que as pessoas enxergam isso. O meu apelido de índia

não fui eu que botei, é as pessoas que viam isso, assim. Viam essa força da guerreira e ao mesmo tempo a sutileza e a naturalidade de uma mulher. Eu acho que é isso que as pessoas enxergam. É isso que elas me passam pelo menos. Deve ter os que mentem, mas...

V: E sobre seu corpo, você está satisfeita como ele é hoje?

AM: Com meu corpo? Eu sempre tive, cara. Nunca tive problema nenhum, sempre me achei uma delícia. Eu sempre me achei gostosa, tipo assim, nunca tive problema. Eu adolescente, a gente vê aquelas revistas Boa Forma. Aí tipo assim, minha irmã, minhas amigas viam a Sheila Carvalho e ficavam “Ai, eu quero ter corpo igual ao dela” e eu nunca quis ter o corpo igual ao de ninguém, sempre amei o meu corpo, sempre me achei linda, sempre me achei muito gostosa. Eu queria era ter peito porque meu peito acabou. Eu tinha peito, aí eu comecei a lutar acabou o peito, aí depois eu queria ter peito de novo que era uma coisa que me incomodava, aí eu botei o silicone e acabou. Mas eu gosto de tudo em mim. O Roney, o meu amigo Jason, ele fica doido, porque o Roney morava comigo, a gente morava junto num espaço desse aqui, tipo, dois anos juntos, né. E eu e o Roney, a gente não tem pudor nenhum. Eu vejo ele de cueca, ele me vê de calcinha, a gente vai comprar calcinha junto, vai comprar cueca, a gente passava vinte e quatro horas junto e a gente não tem nada, é tipo irmão, entendeu. E às vezes eu falava “ai Roney, eu tô bonita, né. Como eu sou bonita” e ele dizia “tu é muito é chata” (rsrs). Eu tô brincando assim, mas é sério, eu tenho uma autoestima muito boa. Assim, eu não me acho linda, eu tenho consciência que eu não sou uma mulher linda, mas eu tenho consciência do que eu tenho, que eu sou uma mulher exagerada, eu sou expressiva, eu tenho olhão, bocão, narigão, cabelo preto, sou tatuada. O desenho, o recorte do meu corpo é um recorte bonito, aí eu tenho uma personalidade muito forte aonde eu passo um trabalho diferenciado. Eu acho que o conjunto da obra me torna uma pessoa atraente, entendeu. Tipo, eu não sou aquela mulher que a pessoa vai olhar e falar “nossa, que mulher linda!” Não é isso, mas eu sou aquela mulher, pah!, que a pessoa fala fudeu. Porque, tipo assim, eu arrumada eu vejo o impacto que causa nas pessoas quando eu chego. Tipo, é uma coisa espiritual, porque mulher bonita no Rio de Janeiro, coitada de mim, eu sou a unha do dedão do pé. Mas é uma coisa mais, sei lá, espiritual e presença mesmo que eu sinto que fica diferente, entendeu. A minha postura é diferente, eu tenho

um jeito de mulher... Eu posso até parecer essas mulheres fruta, fanqueira, não sei o quê, que é mais gostosona, estilo sexy assim, mas a minha postura no lugar muda tudo. Assim, tipo, a reação das pessoas muda tudo comigo, isso desde novinha. Eu nunca me incomodei de botar vestido curto, de botar roupa transparente, de botar meu sapato alto, eu nunca tive problema em sair como eu quero sair. Roupa pra mim é fantasia, eu me visto do jeito que eu quiser, não tenho problema. Se eu quiser estar de patricinha, botar um rabo de cavalo, minhas argolas lá, boto meu tayer. Se eu quiser andar riponga eu boto meu pé no chão, saio descalço pra onde eu quiser e cabelo assanhado, vou igual a uma maconheira doida. Se eu quiser ser fanqueira eu vou lá toda atoladinha, tal, não sei o que. Porque as pessoas elas tendem a te julgar pelo que você está vestindo. Então, isso quer dizer que eu posso te induzir a você pensar o que eu quiser de mim, entendeu. Então eu parto do pressuposto disso, que a sua cabeça está nas minhas mãos, entendeu. Então eu nunca viajo nisso. Eu sempre viajo no que eu tô sentindo, depende do que eu quero e do que eu tô sentindo e do que eu vou fazer porque eu não sou assim e pronto. Quem é assim e pronto é barata.

V: E você percebeu alguma mudança em seu corpo que possa ser atribuído às lutas, ao treinamento cotidiano?

AM: O braço, meu braço. Eu sempre tive os ombros meio largos porque eu sempre gostei de nadar muito em rio e eu subia muito rio contra a correnteza, por baixo de pedra, puxando e tal, e eu sempre gostei muito de subir em árvore, passava do pé de goiaba pro pé de manga, então eu sempre tive muita força no braço, mas com o quimono, com a luta isso aqui meu é muito forte. Eu não faço nada de membro superior, de musculação, nada, nada, não pego um peso. E meu trapézio, isso aqui é tudo muito definido. Mas eu gosto, eu gosto muito de mim.

V: E o que a luta significa pra você?

AM: É minha alma, meu sangue.

V: Bem, pra concluir eu te pergunto se você gostaria de perguntar ou comentar algo sobre o que a gente conversou ou sobre o que a gente não conversou.

AM: Não, só te desejar boa sorte no bagacinho aí (rs).

V: Então, eu só tenho a te agradecer. Brigada, Ana Maria, brigada mesmo.